

Prefácio

Ricardo Monteagudo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, HJS. *O problema da motivação moral em Kant* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 141 p. ISBN 978-85-7983-016-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

Por que os homens são livres? No que consiste a liberdade humana? Como é possível a ação moral? Como um corpo submetido a leis naturais pode ser livre? Para responder perguntas simples como estas e outras não tão simples é que Hélio José dos Santos Souza se debruça sobre a obra de Kant, especialmente a *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Como bem observa o autor, “pretende-se analisar os conceitos de boa vontade, dever, lei, imperativo, respeito, interesse e liberdade”. Qualquer criança precisa ter uma breve noção destas palavras importantes para se constituir como homem de bem, como cidadão consciente. Ao projetá-los no sistema kantiano, encontramos uma formulação mais elevada, resultado de séculos de reflexão filosófica, que nos ajudam a pensar a nossa realidade.

O problema é complexo: trata-se de saber se a moralidade e a ética são expressões de um princípio racional incondicionado igualmente presente nas leis imutáveis da natureza. Nesse caso, haveria continuidade entre a natureza e a moralidade, o direito natural exprimiria deveres que se impõem à vontade de cada um, a liberdade seria uma ilusão da consciência que não reconhece todas as cau-

sas naturais que a condicionam. Esse é o resultado da filosofia moderna de Espinosa e Hobbes, que Kant pretende superar. A solução é uma inversão do problema: a liberdade e o conhecimento da natureza são condicionados no homem pela razão. Nesse caso, como a liberdade pode ser deduzida a partir da sensibilidade? Parece que a cada reformulação novos problemas aparecem e os conceitos multiplicam-se.

O que leva o homem a agir moralmente? Se identificamos o dever ser e o dever, naturalizamos o transcendental e a resposta kantiana repetiria a filosofia moderna de cujas aporias a crítica pretende escapar. Se por outro lado recorremos à divindade, voltamos às dificuldades que foram respondidas pela filosofia moderna. Vejamos um exemplo: Édipo descobre que uma maldição o conduzirá ao parricídio, para evitar esta desgraça foge de sua casa e de sua cidade. Ao fugir, encontra em uma encruzilhada um homem que o desrespeita e o desafia, então mata este homem sem saber que este é seu verdadeiro pai. O conflito moral gerado pela maldição conduz uma iniciativa que desencadeia a própria maldição, pois Édipo não sabia que era filho adotivo. Ora, a lei que impede o parricídio foi ou não foi respeitada? A motivação moral da fuga foi uma decisão individual de Édipo ou uma imposição divina? Como caracterizar a boa vontade neste caso? Havia um imperativo moral que foi seguido, mas o que deveria ter sido evitado foi, ao contrário, provocado pela boa vontade de agir moralmente. Por outro lado, a reação intempestiva de Édipo ao ser desafiado é passional e não segue as prescrições da reta razão. A natureza humana é cindida e tem duas fontes de determinação; retornamos à encruzilhada de Édipo: calar-se ou resistir ao desafio moral do parricídio? Calar-se ou resistir à ameaça de alguém? O princípio formal racional não basta para lidar com o problema: daí a razão prática pura, também analisada nesta pesquisa.

O que é mais interessante neste livro é que uma questão técnica kantiana é transformada em uma questão apaixonante. Não apenas a descrição da coisa em si moral oriunda da racionalidade e sua manifestação por meio de imperativos categóricos que se impõem pela reflexão, mas o que motiva o homem a agir moralmente. O medo da punição, a universalidade da razão, o desejo de felicidade, o equilíbrio psicológico, os benefícios materiais etc. não são em si suficientes para compreender a riqueza e diversidade da experiência humana. A questão é como é possível nos tornarmos homens melhores apesar de sermos homens. Hélio José apresenta ainda a discussão destes problemas por alguns dos grandes intérpretes da obra de Kant, o que enriquece filosoficamente a análise e as alternativas pertinentes.

Este é um daqueles trabalhos aparentemente acadêmicos que podem estabelecer a vocação filosófica de seus leitores: a reflexão sobre o que está em jogo é por si só um prazeroso exercício do filosofar.

Ricardo Monteagudo